

ENVELHECIMENTO CRIATIVO, PARTICIPATIVO E VIDA ATIVA:

a animação sociocultural, a gerontologia,
a educação comunitária e o turismo
como metodologias de intervenção



INTERVENÇÃO

CARLA ESTEVES SANTOS
CRISTIANA PIZARRO MADUREIRA
MARCELINO DE SOUSA LOPES
(Coordenadores)

Envelhecimento Criativo, Participativo e Vida Ativa

a animação sociocultural, a gerontologia, a educação comunitária
e o turismo como metodologias de intervenção

Carla Esteves Santos
Cristiana Pizarro Madureira
Marcelino de Sousa Lopes
(Coordenadores)

Envelhecimento Criativo, Participativo e Vida Ativa

a animação sociocultural, a gerontologia, a educação comunitária
e o turismo como metodologias de intervenção

Edição

INTERVENÇÃO - Associação para a promoção e divulgação cultural

Ficha Técnica

Título

ENVELHECIMENTO CRIATIVO, PARTICIPATIVO e VIDA ATIVA:
A animação sociocultural, a gerontologia, a educação comunitária
e o turismo como metodologias de intervenção

Autores

Carla Esteves Santos, Cristiana Pizarro Madureira e Marcelino de Sousa Lopes
(Coordenadores)

Capa

Ricardo Alves

Revisão de Textos

Fernanda Maria Barros da Cunha

Apoio Gráfico e Composição

Fernando DC Ribeiro

Impressão

Gráfica do Norte

Local e data de Edição

Chaves, 30 de setembro de 2024

Editor

INTERVENÇÃO - Associação para a promoção e divulgação cultural / Chaves

ISBN

978-989-35023-2-7

Depósito Legal

1ª Edição

setembro, 2024

Esta publicação não pode ser reproduzida nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outras, sem prévia autorização escrita do editor

Índice

Prefácio

Pedro Miguel Saraiva Lima Cordeiro de Melo -----9

Introdução

Carla Esteves dos Santos, Cristiana Pizarro Madureira e

Marcelino de Sousa Lopes ----- 11

Arbitragem Científica----- 15

Capítulo I

Gerontologia, Saúde, Idadismo e Comunicação Educativa

Luzia Cristina Antoniossi Monteiro / Leticia Felice Olaia – *A Gerontologia e o Direito a Envelhecer com Dignidade* ----- 19

Joaquim Escola – *Educação Intergeracional e Território comum* ----- 27

Cristina Coelho – *Falar e ser escutado* ----- 35

Susana Duarte – *A vida e a morte* ----- 43

António Miguel Monteiro / Samuel Encarnação – *+ Idade, + Saúde* ----- 53

Juliana Pedreschi Rodrigues / Bruna Tibolla – *Determinantes sociais da saúde*-- 63

Hermínia Gonçalves / Teresa Sequeira – *Qualidade de Vida e Envelhecimento em Áreas Rurais* ----- 73

Capítulo II

Projetos e Metodologias para um envelhecimento com vida ativa:

A importância da Animação Sociocultural e

das(os) Animadoras(es) Socioculturais

Susana Carriço – *A animação Sociocultural como estratégia de intervenção para dar mais vida à vida* ----- 85

Dalila Alves Carneiro – *A Animação Sociocultural e o Animador Sociocultural como agentes de socialização no meio rural* ----- 93

Beatriz Real Barata Martins – *A Animação Sociocultural e a intervenção no idoso com doença mental* -----101

Ana Correia / Rita Madeira – *Samões – a Aldeia que sabe envelhecer* -----109

Sandra Cristina Bento Fernandes – *Domus VITAE, um projeto vital* -----119

Capítulo III

Envelhecimento, Cidadania e Direitos Humanos

Rui Proença Garcia – <i>Velhice: de problema a conquista da humanidade</i> -----	129
Bravo Nico / Lurdes Pratas Nico – <i>A educação comunitária para o envelhecimento ativo, participado e solidário</i> -----	137
Solange Beatriz Billig Garces – <i>Envelhecer no Brasil e o direito a ser cidadão com cidadania plena</i> -----	147
Sara Rüegg – <i>O envelhecimento e o direito a uma vida sexual ativa</i> -----	157
Susete Coelho Abrunhosa – <i>Envelhecimento e avaliação da qualidade em instituições de internamento de longa duração</i> -----	167
Cristiana Pizarro Madureira – <i>A Educação Intergeracional, a partilha de saberes e o legado dos gerontes para uma vivência mais humanizada</i> -----	175
Rafaela Neiva Ganga – <i>House of Memories – o papel do museu na conscientização sobre demência.</i> -----	181

Capítulo IV

Animação Turística, Cultura, Território e envelhecimento com vida ativa

Manuel Cuenca Cabeza – <i>O Ócio como uma pedagogia valiosa para o desenvolvimento de uma vida criativa, saudável e ativa</i> -----	195
Rosa Branca C. Tracana Pereira / Margarida Santos – <i>Cultura, memória e identidade</i> -----	205
Albino Viveiros – <i>Turismo, terceira idade e animação sociocultural</i> -----	213
Ana I. V. Lopes Ferreira / Carolina Carvalho – <i>Recuperar Tradições Transmitir a Identidade e a Cultura</i> -----	221
Veronika Joukes / António Pirra – <i>LEARNVIL, o exemplo de um pequeno projeto internacional</i> -----	231
Lurdes Pratas Nico / Bravo Nico – <i>Circuito da aldeia</i> -----	239

Capítulo V

As Artes e o Envelhecimento com vida ativa e criativa

Manuel Francisco Vieites – <i>Gerontologia e Pedagogia Teatral</i> :-----	251
Lucía Hernández y Fernández – <i>Gerontologia, memória e animação teatral</i> --	261
Luís Carvalho – <i>Contributo da Animação Musical para a criação de coletivos de pessoas mais velhas protagonistas do seu próprio desenvolvimento</i> -----	271
José Dantas Lima Pereira – <i>Formas Animadas e Teatro</i> - -----	279
Maria Zozaya-Montes – <i>As velhas custódias das artes tradicionais</i> : -----	293

Vicenta Gisbert Caudeli / Fernando José Sadio Ramos – A Educação Musical não formal e gerontologia educativa	301
---	-----

Capítulo VI

Animação Sociocultural, Gerontologia Voluntariado e Empreendedorismo Social

Victor J. Ventosa Pérez – A Nova Longevidade.	315
André Pinto – Intergeracionalidade, solidariedade e a participação juvenil à volta de um envelhecimento com vida ativa e de compromisso entre gerações	323
Marcelino de Sousa Lopes / Paula Cristina Matos de Sousa – A Animação Sociocultural, a gerontologia, o animador sociocultural e as perspetivas futuras ..	331
Vasco Araújo / Edite Lopes de Sousa - Realidade virtual como estratégia de promoção do envelhecimento ativo	343
Luis Gómez Garcia – A Animação Sociocultural perante a solidão das pessoas mais velhas	353
Daniela Mendes – O Animador Sociocultural como profissão do futuro no contexto do envelhecimento com vida ativa	363
Curricula	371

A educação intergeracional, a partilha de saberes e o legado dos gerontes para uma vivência mais humanizada

Cristiana Pizarro Madureira

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Instituto Politécnico de Leiria

RESUMO

Pretende-se com esta comunicação refletir sobre o potencial da educação intergeracional no desenvolvimento e transformação das pessoas e das comunidades. Serão problematizadas práticas de intervenção sociocomunitária, onde, através da pedagogia da convivência intergeracional e da partilha de saberes dos gerontes, se desenvolve uma relação de proximidade humana e de trabalho em rede com instituições da comunidade, promovendo o desenvolvimento humano e comunitário.

Introdução

No modelo educacional clássico, eram os adultos quem detinham a função de ensinar os mais jovens. A partir dos anos 70, do século XX, emerge o paradigma da educação ao longo de toda a vida (ONU, 1996). O princípio pela promoção de uma aprendizagem que acompanhe a pessoa em todos os ciclos da vida fomentando o seu crescimento global e harmónico, ao longo das diferentes fases da sua existência, desde que nasce até que morre.

A Educação intergeracional está assim a tornar-se um desafio contemporâneo num mundo global cada vez mais envelhecido e onde a longevidade é cada vez maior. O envelhecimento é uma condição natural que afeta toda a população, pelo que emerge a necessidade de conjuntamente refletirmos sobre possíveis estratégias para enfrentar os desafios trazidos pelo aumento da esperança média de vida. É este o principal objetivo deste capítulo, centrado numa abordagem das questões intergeracionais, através de uma proposta de intervenção socioeducativa subordinada aos Direitos Humanos, acolhendo assim as recomendações das Nações Unidas sobre os direitos económicos, sociais e culturais (ONU, 2001).

A intergeracionalidade pode ser entendida como um processo de educação inclusiva, voltada para todas as idades e ao longo de toda a vida. Este é um processo em que todos aprendem e todos ensinam através da pedagogia da convivência (Jares, 2007). A educação desempenha um papel fundamental ao assegurar que todos os cidadãos adquiram as competências essenciais para se adaptarem com flexibilidade às mudanças. Palmeirão (2008) afirma que a educação intergeracional é um desafio de grande interesse na sociedade atual, especialmente quando recria responsabilidades promovendo elos de solidariedade alternativos às práticas comuns de convivência geracional. Nesta linha, são apontados diversos benefícios da educação intergeracional, como a mudança de atitudes, a interajuda e a proximidade entre as gerações.

Acreditamos que a educação intergeracional assenta na valorização da pedagogia da convivência, na proximidade entre gerações e na promoção de relações positivas entre os gerontes e os mais jovens. Consideramos que a educação intergeracional se encontra no

campo epistemológico da Pedagogia Social, enquanto Ciência da Educação, pois desenvolve a sua ação através de uma relação dialógica na concepção de Paulo Freire.

A ONU (1996) sublinha a pertinência da educação para todos e ao longo de toda a vida, para as sociedades do século XXI. Neste contexto de educação ao longo da vida, justifica-se o valor da aprendizagem no coração da própria vida comunitária (Azevedo, 2007), mobilizando um trabalho em rede em torno de objetivos de desenvolvimento local sustentável (Caride *et al.*, 2007) e segundo lógicas de hospitalidade interpessoal, interprofissional e interinstitucional (Azevedo & Baptista, 2010).

Num estudo da PORDATA (2024) Portugal em simultâneo com a Itália, são os países da União Europeia com maior percentagem de população idosa, existindo quase dois idosos por cada jovem.

A população idosa, em Portugal, tem crescido mais de dois por cento ao ano, desde 2019, com o número de pessoas com 100 anos a ultrapassar as 3.000.

O envelhecimento resulta da transição demográfica das sociedades, entendida como a passagem de um modelo demográfico de fecundidade e mortalidade elevados, para um modelo de níveis baixos dos mesmos, resultando, simultaneamente, num aumento generalizado da esperança média de vida das populações. Envelhecer com qualidade é um processo cada vez mais heterogéneo e diferenciado, na medida em que cada pessoa vive em contextos físicos, históricos, sociais, culturais e humanos diversos, através de vivências e projetos de vida únicos. Neste sentido, é importante destacarmos que o envelhecimento constitui um fenómeno global que desencadeia implicações pessoais, históricas, familiares, sociais, culturais e económicas diversas e singulares. Urge assim valorizarmos a partilha de saberes e o legado dos gerontes enquanto património transmitido às futuras gerações para uma vivência mais humanizada, através do desenvolvimento de atividades intergeracionais que constituam modelos eficazes de planeamento e intervenção social (ONU, 1996) onde a inclusão e a solidariedade entre gerações constituem os principais fundamentos. Para uma vivência mais humanizada é essencial o desenvolvimento de projetos intergeracionais no sentido de promover a inclusão dos cidadãos na comunidade. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a faixa etária de idosos é a que mais cresce em todo o mundo, sendo considerada a “nova população”. A OMS estima que, em 2050, cerca de 2 bilhões de pessoas, ou uma em cada quatro pessoas, terão mais de 60 anos, configurando uma população idosa de aproximadamente 25%. Em Portugal, a evolução demográfica tem se caracterizada por um gradual aumento do peso dos grupos etários mais velhos e uma redução do peso da população jovem. Segundo a PORDATA, o índice de envelhecimento em 2016 era de 148,7, indicando projeções de uma dinâmica populacional sem precedentes na história portuguesa, com um crescente peso das populações idosas e uma redução da população ativa. Nesta linha, acreditamos que é necessário refletirmos sobre estratégias a adotar para que tenhamos uma sociedade convivencial (Madureira, Viché e Hernaiz, 2024) que se pretende intergeracional, ou seja uma sociedade onde todos sejamos e estejamos mais atentos uns aos outros e onde prevaleça o diálogo como forma de atuação.

1 - A visão socioantropológica da educação intergeracional

O relatório Faure sublinhou que “nas sociedades primitivas, a educação era múltipla e continua; dirigia-se simultaneamente ao caráter, às aptidões, às capacidades, à conduta, às qualidades morais do indivíduo, que se educava a si próprio, em simbiose, mais do que era educado. (...) tudo era, ao fim do dia, ocasião de se instruir dos cuidados maternos às lições do pai caçador, da observação das estações dos animais domésticos, das narrações dos mais velhos aos feitiços do curandeiro. (...) Estas modalidades de aprendizagem não formais, não institucionalizadas prevalecem até aos nossos dias (...)” (1974, p. 45).

Neste sentido, o relatório Faure (1972) traz à colação a importância da educação ser concebida como um contínuo existencial, tão longo como a própria vida.

É neste desígnio que a sociedade do século XXI valoriza a educação como “um tesouro a ser descoberto” por todos, individualmente e ao longo de toda a vida (ONU, 1996), reconhecendo a sua importância fundamental na formação das pessoas, das comunidades e das sociedades. As pessoas possuem a capacidade de se aperfeiçoar continuamente, o que as torna também educáveis. Este desenvolvimento é incentivado pelas relações que estabelecemos com os outros, onde se acolhem e influenciam mutuamente, agindo como “hóspedes uns dos outros ao longo da vida” (Baptista, 2005; 2007). Assim, surge a importância da educação intergeracional baseada num princípio relacional socioantropológico em que todos e cada um de nós se vai (re)construindo, na relação com os outros, num processo permanente de (re)construção identitária.

Cabe-nos a missão de fazer com que todos, sem exceção, façam frutificar os seus talentos e potencialidades criativas, o que implica, por parte de cada um, a capacidade de nos responsabilizarmos pela realização do nosso projeto pessoal (ONU, 1996). Um projeto de vida constitui claramente um projeto de natureza antropológica, que requer um aprender contínuo. Pela educação intergeracional, todos e cada um de nós pode capacitar-se para usar a sua própria palavra, aprendendo a apreciar o mundo e a decidir sobre o seu percurso de vida, dando-lhe sentido(s). Como sublinha Freire “os homens e as mulheres educam-se em comunidade” (1975, p. 79) num processo contínuo de desenvolvimento das comunidades humanas. Adalberto Dias de Carvalho (1996) alerta que esse fundamento educacional não segue as exigências de uma ontologia absoluta anterior, mas que se desenvolve como um processo e que se configura como um projeto. Esse projeto é fortalecido pela educação, e desenvolve-se permanentemente e ao longo da vida. Portanto, as pessoas são seres de projeto, sempre em (re)construção e potencializados nas relações solidárias com os outros. O bem-estar individual está interligado com o bem-estar coletivo, o que faz da educação uma missão para ensinar cada pessoa a (con)viver, a tornar-se um cidadão pleno de direitos e deveres, membro de uma comunidade (Azevedo, 2007).

Neste sentido, projetar práticas de educação intergeracional pressupõe romper com o presente e traçar caminhos para o futuro, saindo muitas vezes da zona de conforto e enfrentando o desconhecido, sem perder as referências que os gerentes transmitem. Especialmente na educação, é crucial ter clareza sobre os objetivos de diálogo intergeracional e direcionar esforços para alcançá-los. Neste contexto, parece-nos pertinente sublinhar que a ênfase numa educação fundamentada nos direitos humanos constitui uma opção política e pedagógica essencial nas sociedades atuais (Caride, 2009).

Reconhecendo que todo ato educativo é um ato carregado de valores, em que a própria educação é vista como um direito humano fundamental, conforme reconhecido em 10 de dezembro de 1948 em que “cada pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos no nível elementar. O ensino elementar é obrigatório. A educação técnica e profissional deve ser amplamente disponível; o acesso ao ensino superior deve ser baseado no mérito, permitindo a todos igualdade de oportunidades” (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948).

Sob a perspectiva dos valores humanistas ancorados às sociedades democráticas contemporâneas, o direito à educação abrange a formação contínua e integral dos indivíduos (Carneiro, 2004), valorizando todas as dimensões do ser humano, sejam elas cognitivas, afetivas, físicas ou espirituais. Entendendo as pessoas numa visão holística, significa vê-las como seres situados no mundo, conforme enfatizado por Paulo Freire (1975; 1996). Os seres humanos não podem ser compreendidos fora da sua relação dialética com o mundo, do modo como o vivenciam, percebem e transformam. O conhecimento do mundo e o autoconhecimento completam-se no reconhecimento do outro (Freire, 1975, p. 19). Deste modo, a partilha de saberes centrada no diálogo intergeracional e na valorização do legado dos gerentes contribuem para uma vivência mais humanizada.

Neste sentido, Peres (2000) destaca que a educação tem como objetivo formar todos os indivíduos, reconhecendo e valorizando cada um, sem prejudicar o projeto dos outros. Isso requer valorizar a diversidade cultural num ambiente de tolerância e acolhimento, de modo que a construção da identidade pessoal e grupal não se defina contra a alteridade, mas sim como um reconhecimento da diversidade como um elemento fundamental (Carvalho & Baptista, 2004).

2- (Con)vivermos juntos e com os outros no sentido de uma sociedade convivencial

(Con)vivermos juntos constitui um desafio permanente na sociedade atual, marcada pela diversidade cultural. Neste sentido, a educação intergeracional, centrada no diálogo, também ele entre gerações, apresenta-se como um caminho necessário pois, como se refere no Relatório Delors, a educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos (ONU, 1996). Acreditamos que é possível concretizarmos esta utopia através da criação de espaços de relação, de encontro e de interação, através de diferentes formas de comunicação entre gerações. Neste processo de educação e de aprendizagem ao longo da vida, os gerentes assumem um papel central na criação de oportunidades para que as crianças e os jovens disponham das possibilidades possíveis para descobertas e experiências, que devem complementar e realçar as contribuições feitas pelos gerentes. Devemos considerar este cenário através de estratégias inovadoras, inclusivas, participativas que através de uma maior responsabilização entre as instituições da sociedade civil e entre gerações, num processo dialógico, se assumam o compromisso de envolver todos na (re)construção de um mundo melhor. A educação intergeracional constitui assim um caminho que nos leva ao desenvolvimento e transformação das pessoas e das comunidades. Deste modo, é importante termos consciência das exigências e desafios do presente, partindo dos

saberes e das vivências dos gerontes, traçando caminhos centrados numa relação de proximidade humana e valorizadores do eu, que habita e dá identidade a todos e cada um de nós.

3 - A responsabilidade social pela educação intergeracional promotora de uma sociedade multigeracional

Para que possamos desenvolver práticas de intervenção sociocomunitária, é essencial dar palco à responsabilidade social pela promoção de práticas de educação intergeracional. Para tal, nos contextos comunitários é importante sensibilizar os diferentes agentes para a importância da pedagogia da convivência intergeracional e da partilha de saberes dos gerontes, enquanto fatores pertinentes para a reconstrução identitária e o crescimento ao longo da vida. Assumir um compromisso social, educativo e ético pelo bem-estar individual e coletivo das comunidades, permite no nosso entender o desenvolvimento humano e comunitário, numa relação dialógica e bidirecional. As diferentes instituições educativas e sociais da comunidade, são manifestamente contextos privilegiados para promover o desenvolvimento de projetos intergeracionais de intervenção social que entendem os sujeitos numa visão holística, recetivos ao outro, e que dão destaque ao geronte, enquanto pessoa com muitos saberes e experiências que é importante partilhar no sentido de reviver o seu património cultural imaterial. Sendo a sociedade atual cada vez mais multicultural e multigeracional, ou seja, uma sociedade onde coexistem várias culturas e várias gerações, é importante caminharmos para um novo paradigma que passe da coexistência à convivência, em que a partilha de saberes, aprendizagens, culturas se desenvolva através do diálogo e de uma pedagogia da convivência intergeracional. Estas práticas intergeracionais contribuem para dar ênfase ao “pulsar da vida” (Lopes, 2008), através de múltiplas formas de expressão e em diferentes contextos e em diferentes lugares antropológicos (Augé, 1994), ou seja em lugares históricos, identitários e relacionais, profundamente carregados de densidade humana.

Deste modo, partilhamos das ideias de Marcelino de Sousa Lopes que enfatiza a necessidade de se “abrir novos espaços e novas hipóteses de trabalho para a Animação Socioeducativa, que se traduzem na ligação desta a uma inovadora tecnologia/pedagogia educativa que articula, cruza e partilha saberes referentes aos diferentes espaços educativos, formal, não formal e informal a partir da utilização de diferentes técnicas, nomeadamente: teatro, expressão dramática, expressão musical, expressão plástica e jogos” (Lopes, 2008, p. 389). Defendemos o desenvolvimento de práticas de animação e intervenção socioeducativa que contribuam para uma educação e um crescimento e transformação pessoal entre gerações e ao longo da vida. Estas práticas em redes de aprendizagem para uma sociedade convivial (Illich, 1970), pressupõem a corresponsabilização das instituições da comunidade, bem como das pessoas enquanto cidadãos, pela promoção de lugares antropológicos que entendam todas as fases da vida como oportunidades de crescimento e de partilha de saberes, reforçando laços sociais e humanos, valorizando o legado dos gerontes no conhecimento e manutenção da história e da memória comum. Desta forma, está-se a promover a consolidação de uma cultura intergeracional, dando primazia aos gerontes e contribuindo para o desenvolvimento e transformação individual, social e comunitária, no sentido do bem comum (Petrella, 2002).

Referências bibliográficas

- Augé, M.** (2005). *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da sobre modernidade*. Lisboa: Graus Editora.
- Azevedo, J.** (2007). *Aprendizagem ao longo da vida e regulação sociocomunitária da educação*. Cadernos de Pedagogia Social. Lisboa: UCP.
- Azevedo, J.; Baptista, I.** (2010). *Porto Solidário: Diagnóstico Social do Porto*. Porto: FEP-UCP e Câmara Municipal do Porto.
- Baptista, I.** (2007). *Políticas de alteridade e cidadania solidária – as perguntas da Pedagogia Social*. Cadernos de Pedagogia Social. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Baptista, I.** (2005). *Dar Rosto ao Futuro: A educação como compromisso ético*. Porto: Profedições.
- Caride, J. A.** (2009). (coord.). *Los derechos humanos en la educación y la cultura*. Santa Fé, Argentina: Ediciones HomoSapiens.
- Caride, J. A. et al.** (2007). *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local*. Porto: Profedições.
- Carneiro, R.** (2004). *A Educação Primeiro*. Lisboa: Fundação Manuel Leão
- Carvalho, A. D.** (1996). *A Educação como Projeto Antropológico*. Porto: Edições Afrontamento.
- Carvalho, A. D. & Baptista, I.** (2004). *Educação Social: fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Freire, P.** (1975). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Freire, P.** (1992). *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Faure, E.** (1974). *Aprender a Ser*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Illich, I.** (1977). *Sociedade sem escolas*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Jares, X.** (2007). *Pedagogia da Convivência*. Porto: Profedições.
- Lopes, M. S.** (2008). *Animação sociocultural em Portugal*. Chaves: Intervenção.
- Madureira, C.; Viché M. & Hernaiz, N.** (2024). *Pedagogia da dignidade – caminhos para uma sociedade convivencial*. Valência: LULU.com
- ONU** (2001). *Cuestiones sustantivas que se plantean en la aplicación del pacto internacional de derechos económicos, sociales y culturales: la pobreza y el pacto internacional de derechos económicos, sociales y culturales*. Declaración aprobada por el Comité de Derechos Económicos, Sociales y Culturales. ONU.
- Palmeirão, C.** (2008). “A Educação Intergeracional no horizonte da Educação Social. *Compromisso do nosso tempo*”. *Cadernos de Pedagogia Social*, 2, pp. 81-100.
- Peres, A. N.** (2000). *Educação Intercultural Utopia ou realidade?* Porto. Profedições.
- Petrella, R.** (2002). *O Bem Comum. Elogio da Solidariedade*. Porto: Campo das Letras.
- PORDATA** (2024). *Índice de envelhecimento*. Fundação Manuel dos Santos
- Savater, F.** (2006). *O valor de educar*. Lisboa. Publicações Dom Quixote.
- UNESCO** (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Lisboa: Edições Asa